



GT 37. Estudos em contextos do Sul Global: novos inimigos, novas possibilidades e a (in)sustentabilidade das perspectivas e das redes Sul-Sul

Coordenador(es):

Lívio Sansone (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Luena Nascimento Nunes Pereira (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

O campo dos estudos em outras regiões do Sul Global já faz aproximadamente 20 anos no Brasil. O momento é, pois, maduro para uma avaliação deste campo de pesquisa, que tem atraído um conjunto de pesquisadores e questões que se manifestam em projetos de pesquisa, publicações e seminários e gerado um acúmulo de reflexões sobre as várias regiões do Sul Global (África, Ásia, Caribe, América Central e Meridional), desenvolvendo novas perspectivas comparativas e transnacionais e contribuindo para a internacionalização da pós-graduação em ciências humanas. Apesar da abertura de novas oportunidades de pesquisa e redes enfrentamos novos obstáculos proporcionados pela atual era dos extremos, que identifica a perspectiva Sul-Sul com um conjunto de políticas sociais progressistas. Tal cenário torna cada vez mais premente a importância de um diálogo qualificado sobre perspectivas, oportunidades, limites e desafios de um campo que passa a tomar expressão na antropologia feita no Brasil. O GT tem por objetivo reunir trabalhos desenvolvidos nos contextos acima mencionados promovendo a continuidade de um diálogo qualificado sobre pesquisas antropológicas. Apesar da ênfase na pesquisa etnográfica, o GT está aberto à interdisciplinaridade, pela importância do diálogo com historiadores e outros pesquisadores nas ciências humanas. Com esse objetivo, convidamos pesquisadores que abordem temáticas diversas que respondam aos inúmeros desafios da pesquisa sobre e estes contextos.

Arquitetura, modernidade e raça: apontamentos sobre os pressupostos raciais do pensamento moderno

Autoria: Inácio de Carvalho Dias de Andrade (USP - Universidade de São Paulo)

Tomando o Movimento Moçambicano de Arquitetura Moderna como ponto de partida, proponho analisar os modos pelos quais uma rede transnacional de arquitetos, artistas, administradores coloniais, burocratas, cientistas e técnicos ajudaram a definir a modernidade em Moçambique tardo-colonial. Nesse sentido, estou lidando com questões relacionadas à aplicabilidade das ciências sociais e humanas em regiões coloniais e pós-coloniais; às assimetrias de poder na prática científica e na produção de conhecimento; à produção de epistemologias modernas nas antigas colônias europeias e às maneiras pelas quais diferentes disciplinas definiram as bases daquilo que entendemos como modernidade. Ao abordar essas questões, proponho analisar a modernidade ocidental como um projeto racial, elaborado por meio de racializing assemblages (WEHELIYE, 2014), contextos sociais (COLLIER; ONG, 2005) nos quais instituições, discursos, práticas e artefatos culturais definem os grupos sociais estudados, nosso senso de pertencimento e o pano de fundo epistemológico por meio do qual inquirimos a nós mesmos, a sociedade e o Outro. De modo a contribuir para a construção de uma genealogia da modernidade em Moçambique, selecionando termos, critérios e controvérsia que marcaram a visão atual sobre modernidade e suas contrapartes na África Austral, concebo raça - suas origens, definições e transformações - como uma categoria transversal e inescapável. De maneira similar àquela proposta por Weheliye, entendo raça como a categoria central capaz de aglutinar contextos sociais em torno de um projeto supostamente englobante da modernidade. Em outras palavras, como Mbembe coloca, raça e modernidade estão inextricavelmente ligadas, no entanto, essa conexão precisa ser



demonstrada etnograficamente. Em um mundo em que formas difusas de mercantilização colocam o humanismo em risco (MBEMBE, 2001) e reações conservadoras à ecologia política tendem a abandonar qualquer pretensão de compartilhar um futuro comum (LATOURE, 2019), examinar visões alternativas sobre a humanidade torna-se uma tarefa imperativa. Nesse sentido, perguntar-se como os moçambicanos historicamente abordaram questões sobre seu lugar no mundo não é apenas uma questão de ?descolonizar? a modernidade ou de etnografar exóticas ?cosmologias do capitalismo?, mas constitui um esforço premente de denunciar pressupostos racialistas de instituições e categorias de pensamento modernas, visando renovar e reimaginar o humanismo como uma epistemologia inclusiva. MBEMBE, A. *On the Postcolony*. Berkeley: UC Press, 2001. LATOUR, B. *Down to Earth*. La Découverte, 2019. ONG, A.; COLLIER, S. J. *Global assemblages*. Oxford: Blackwell, 2005. WHEHELIYE, A. *Habeas Viscus: racializing assemblages, biopolitics and theories of the human*. Duke University Press, 2014.

[Trabalho completo](#)



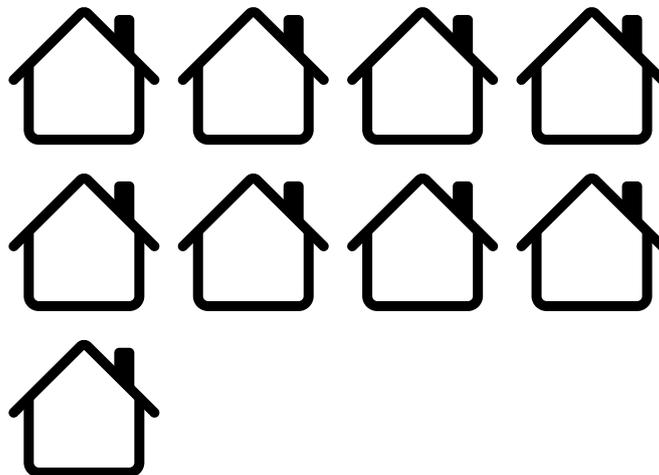
Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: